

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
O QUE QUERO VER  
1 de junho de 2022

MADAME SOUSATZKA / 1988  
(*Madame Sousatzka, A Professora*)

de John Schlesinger

*Realização:* John Schlesinger / *Argumento:* John Schlesinger, Ruth Praver Jhabvala, a partir do romance de Bernice Rubens / *Produção:* Robin Dalton / *Produção Associada:* Simon Bosanquet / *Montagem:* Peter Honess / *Direção de Fotografia:* Nat Crosby / *Música:* Gerald Gourlet / *Design de Produção:* Luciana Arrighi / *Direção Artística:* Stephen Scott, Ian Whittaker / *Guarda-roupa:* Amy Roberts / *Interpretações:* Shirley MacLaine (Madame Sousatzka), Peggy Aschcroft (Lady Emily), Twiggy (Jenny), Shabana Azmi (Sushila), Leigh Lawson (Ronnie Blum), Geoffrey Bayldon (Mr. Cordle), Lee Montague (Vincent Pick), Robert Rietty (Leo Milev), Navin Chowdhry (Manek Sen), Greg Ellis (Tarek), Sam Howard (Edward), Jeremy Sinden (Woodford), Roger Hammond (Lefranc), Carol Gillies (Mãe de Sousatzka) / *Cópia:* 35 mm, a cores, falado em inglês e legendado em português / *Duração:* 121 minutos / *Estreia Mundial:* 9 de setembro de 1988, Milão / *Estreia Nacional:* 18 de agosto de 1989 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*

Este drama, bem intencionado ainda que de resultados modestos, “apanha” a sua estrela e realizador numa fase de alguma indefinição nas respetivas carreiras: se Shirley MacLaine deixara uma impressão indelével no público com **Terms of Endearment** (1983), o belo melodrama de James L. Brooks hoje algo esquecido e que lhe valeu o único Óscar na ainda ativa carreira, John Schlesinger começava a ver à distância os seus anos dourados enquanto nome cimeiro do cinema inglês, nomeadamente quando ajudou a projetar as carreiras de atores como Alan Bates (**A Kind of Loving** [1962]) e Julie Christie (**Billy Liar** [1963] e **Darling** [1965]) e quando sedimentou a sua posição em Hollywood com obras provocadoras de alto teor sexual, à época ousadas e ainda hoje tidas como importantes para a afirmação de alguns temas *queer*, tais como **Midnight Cowboy** (1969) e **Sunday Bloody Sunday** (1971). Até mesmo os detratores de Schlesinger não recusarão considerar este período, que a meu ver culmina com uma obra-prima, **Marathon Man** (1976), protagonizada por Dustin Hoffman, como infinitamente mais interessante – embora, aqui e ali, tomado por um estilo repleto de tiques formais que muito o datam – do que a sua reta final. Ora, é **Madame Sousatzka** o título que marca esta passagem de Schlesinger para o domínio mais *mainstream* do então muito popular género do *thriller*, constituindo, para o grande público, uma oportunidade de ver em apuros atrizes de alto perfil tais como ainda eram, à época, Melanie Griffith (**Pacific Heights** [1990]) e Sally Field (**Eye for an Eye** [1996]).

Com efeito, **Madame Sousatzka** consubstancia um passo incerto e inseguro depois do Óscar de Shirley MacLaine, iniciando uma nova etapa da sua carreira, digamos assim, depois das personagens marcantes que interpretou para as câmaras de Vincente Minnelli, Billy Wilder e Don Siegel, e no encaixe de um Schlesinger quase anónimo, de “serviços mínimos”, subordinado às fórmulas de sucesso da indústria americana. O filme resulta deste esforço de “religar” carreiras ou evitar o inevitável: o ocaso dos seus timoneiros. O regresso de Schlesinger ao Reino Unido aponta para uma certa “nostalgia” sobre um tempo que não volta mais, ao passo que MacLaine, de facto, o chamariz desta produção, aceita a sua condição de “mulher madura” *on screen*, interpretando um papel em que assume de pleno a sua senioridade. MacLaine, então com pouco mais de 50 anos, trabalhou ativamente no seu aspeto envelhecido, nomeadamente ganhando peso e apostando numa

caracterização que não escondia – pelo contrário, realçava – cada ruga. É muito assumida – logo, corajosa – esta entrada de uma das atrizes mais enérgicas, irrequietas e, enfim, “sempre joviais” da Hollywood clássica na idade mais madura.

MacLaine interpreta uma professora de piano russa dedicada, de corpo e alma, à formação de novos talentos. Sabemos que lida com os fantasmas de uma educação severa dada por sua mãe, uma pianista de sucesso que sempre exigiu mais do que a sua filha sentiu poder dar. Enfim, Madame Sousatzka, habitando uma casa algo decrépita e com os dias contados – a especulação imobiliária avança, sem pedir licença, sobre esse bairro londrino –, encontra no ensino a sua principal – e única? – motivação na vida. Para formar bons pianistas, Madame Sousatzka segue um sistema pedagógico segundo o qual não basta saber tocar piano, pois é preciso, antes de mais, saber viver a vida. Pelo que veremos, não se trata tanto de “saber viver a vida”, mas antes de “saber estar em sociedade”, já que as aulas de Sousatzka parecem versar mais sobre bons modos e etiqueta do que sobre uma certa filosofia de vida. O aluno, de origem indiana, Manek, um “virtuoso” ao piano, porventura o mais talentoso dos seus pupilos, enfrenta as esperanças e as angústias desta professora. Lateralmente, Schlesinger, que aqui adapta a história de um romance assinado por Bernice Rubens, apresenta-nos um grupo de personagens que gira em torno desta dupla constituída pela professora e o seu aluno e que ora vai interferindo, ora participando dessa ligação que se sedimenta a ponto de acender uma rivalidade – excessivamente dramatizada no filme – entre Sousatzka e a mãe de Manek, uma jovem de sorriso fácil que procura contrariar uma muito delicada situação económica trabalhando como *caterer* de comida indiana, confiante de que o filho irá começar a dar concertos e, com isso, rapidamente atingirá o estrelato.

À boa maneira inglesa, **Madame Sousatzka** é uma história sentimental que não escapa ao comentário social, fazendo do *décor* do prédio habitado pela protagonista uma espécie de microcosmos onde se jogam algumas das tensões que minam a sociedade britânica como um todo – é evidente que a união entre a professora russa e o aluno indiano também se baseia na sua condição de imigrantes ou descendentes de imigrantes mais ou menos desenraizados nessa sociedade predominantemente branca e dominada pela *rat race* de uma economia especulativa e hipercompetitiva. O choque entre a relação aluno e professora, bem como filho e mãe é acompanhado de um outro foco de conflito, retratado sem particular sutileza: a arte como alimento do espírito que ultrapassa o tempo e as condições de existência *versus* o dinheiro, a fama rápida e a necessidade de sobrevivência numa sociedade em que as oportunidades não são iguais para todos; em que, resumindo e concluindo, é preciso “fazer pela vida”.

Toda estas dimensões (ligadas a esse “viver e/ou fazer pela vida”) são postas em cena, cozinhando em altas temperaturas o momento mais dramático do filme: o primeiro concerto de Manek (nunca ninguém souou tanto a tocar Schumann), realizado pouco tempo depois de se separar de Madame Sousatzka, isto é, após ter cedido à tentação faustina de perseguir a fama ou, de volta à realidade mais real da sociedade em que se insere, pagar as dívidas, suas e de sua mãe. Schlesinger tem um mérito: apesar de rodeados por personagens que não fogem à estereotipia mais básica ou que se passeiam pela história – caso da *fashion icon* Twiggy, numa das suas últimas participações numa produção de monta –, Sousatzka e Manek, constituindo-se como núcleo duro desta história, não são julgados pela câmara do britânico, resultando disso uma tentativa louvável de fazer compreender as decisões que tomam ou tomaram, sobretudo as más.

Luís Mendonça